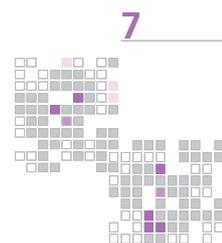


## O entrelaçar dos estudos de Comunicação e Gênero na América Latina: problemáticas teóricas, metodológicas e empíricas

Em um continente marcado por desigualdades sociais e injustiças históricas, as questões de gênero não podem mais ser vistas como elementos secundários ou acessórios que, fortuitamente, são mobilizados por quem se atreve a entender as complexidades que caracterizam a América Latina. Seja qual for o ângulo observado, as lentes de gênero, mais cedo ou mais tarde, irão acabar perpassando as análises sociais, culturais, políticas e econômicas de nossa região. Isso se dá porque, especialmente sob o signo da diferença, o gênero se faz presente enquanto condicionante das estruturas que formam as sociedades latino-americanas ao lado de outros marcadores sociais interseccionais. Logo, os processos comunicativos não são uma exceção: é também na comunicação que os estudos de gênero têm permitido o conhecimento sobre os ativismos de militância, suas dinâmicas, trajetórias e as subjetividades coletivas que transcendem a latente “normalização” das múltiplas violências e fobias que encontramos em nosso dia a dia. Desse modo, sabendo da importância do assunto, a *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* traz aos seus leitores a temática central da “Comunicação e Gênero na América Latina” como o dossiê do número 39.

Sob a organização da Profa. Dra. Maria Cristina Gobbi (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil) e da Profa. Dra. Eloína Castro Lara (Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, México), o dossiê apresenta quinze artigos, uma entrevista e um estudo de pesquisadoras e pesquisadores de toda a América Latina. Vale destacar a participação significativa de mulheres investigadoras que assinam aproximadamente 78% da totalidade dos artigos neste dossiê (27 autoras e 8 autores). Ou seja, a publicação demonstra não apenas o vigor das pesquisas realizadas por mulheres na academia, mas também a abrangência e o rigor científico de seus enfoques que abordam diferentes questões articuladas sobre o eixo comunicação e gênero.

Abrindo as discussões do **Dossiê**, o texto *Ciberfeminismos en América*



*Latina y el Caribe* apresenta a pesquisa de Susana Morales, Graciela Natansohn e Kemly Camacho sobre a importância de projetos de desenvolvimento de software ligados ao movimento feminista com forte presença de mulheres cis, trans ou não-binárias e racializadas em diferentes países da região latino-americana. Com uma reflexão direcionada também ao nosso cenário regional, porém, voltando os olhos para o passado recente, Marina Cavalcanti Tedesco recupera a trajetória artística de uma cineasta venezuelana negligenciada nos estudos cinematográficos em *Margot Benacerraf: (não) pioneira do nuevo cine latino-americano*. Por sua vez, “¿Por qué vienes sola?”: reflexiones sobre las implicaciones del género en el trabajo de campo, de autoria de Ana Leticia Hernández Julián, é um artigo que investiga como a realidade de ambientes violentos e a condição de ser uma mulher pesquisadora são desafios concretos no desenvolvimento de trabalhos de campo nos mais variados contextos.

Na sequência, César Ricardo Siquiera Bolaño, Manoel Dourado Bastos, Rafaela Martins de Souza e Mauricio Herrera-Jaramillo procuram discutir as relações de gênero sob a perspectiva da Economia Política da Comunicação no trabalho *Patriarcado, valor e comunicação. Modos de vida, trabalho e as relações de gênero sob o capitalismo*. Em suas conclusões, os pesquisadores apontam como as modulações de gênero na Indústria Cultural seguem a lógica capitalista de produção e seu fundamento patriarcal. Já o artigo *Dimensões de cidadania transcomunicativa: experiências comunicacionais de mulheres trans e travestis*, de Paulo Júnior Melo da Luz e Jiani Adriana Bonin, traz para o centro da discussão as vivências plurais da transgeneridade por meio de conhecimentos produzidos pelas próprias interlocutoras, isto é, seis mulheres trans e travestis que explicam as contradições, dialogias, transcendências aos gêneros, limitações e potências reflexivas em suas realidades. Igualmente importante, *Violencia mediática y feminicidio. Alcances y limitaciones de un concepto emergente* é a pesquisa produzida por Soledad Rojas-Rajs e Marisol Anzo-Escobar acerca de como o jornalismo aborda os casos de feminicídio que ocorreram no México, em 2017. As autoras questionam como os meios de comunicação acabam por vulnerabilizar ainda mais as vítimas e suas famílias nos relatos noticiosos.

Pelo prisma dos estudos sonoros e de gênero, Alice dos Santos Silva e Renata Barreto Malta buscam compreender quais são as possíveis características da resistência feminista construída na crescente onda de produção de podcasts em *Mulheres podcasters: atuações feministas na podosfera brasileira*. Trazendo uma leitura que abrange gênero e raça, o trabalho *Análisis interseccional de la producción de la identidad de los hombres negros en Grindr*, escrito por Guilherme Libardi e Luiz Henrique Castro, investiga como a questão da negritude é um marcador identitário estruturante nas interações produzidas em aplicativos específicos direcionados a quem busca relações afetivas e sexuais entre homens. Por outra via analítica, o trabalho *A “guerreira” sofredora: o impacto das narrativas midiáticas nas redes de mães e esposas de presos*, de Natália Kleinsorgen Bernardo Borges e Geisa Rodrigues, discorre sobre

como a vida de mulheres cujos familiares estão em situação prisional é atravessada pela “prisionização secundária” e, desse modo, analisa páginas auto-organizadas por elas no Instagram para entender as reproduções e os enfrentamentos dos papéis sexuais na questão.

Dando continuidade às reflexões sobre comunicação e gênero, *Estratégias comunicacionais da campanha Sinal Vermelho no combate à violência contra a mulher*, de Vander Casaqui e Bruna Panzarini, analisa como a campanha envolveu temas relevantes como a esfera pública, a estetização da causa, os espaços de consumo e o terceiro setor, para aliar a conscientização sobre o problema social e a prescrição de ações para o seu enfrentamento. Em *Lampião da Esquina: decolonial e alter(n) ativo*, o pesquisador Muriel Emídio Pessoa do Amaral reconhece o “Lampião da Esquina” como um veículo pioneiro no debate da homossexualidade também a partir da interseccionalidade, ou seja, uma produção cultural com viés decolonizado que promoveu uma importante pluralidade nas representações e discursos acerca do tema. Outro trabalho que centraliza as discussões no vínculo dos campos noticiosos e feminista é *Quando o jornalismo encontra o feminismo*. De autoria de Letícia de Faria Ávila Santos e Katarini Miguel, o artigo procura compreender como as reportagens especiais da “Revista AzMina”, em 2018, produziram um jornalismo com perspectiva de gênero que priorizou narrativas complexas e temáticas de mulheres de diferentes localidades sociais, como mães, mulheres negras, trans, lésbicas e periféricas.

No que diz respeito às representações midiáticas, a pesquisa *O Alerta Nacional e a estereotipação da imagem da mulher em horário nobre na televisão brasileira*, de Ana Maria da Conceição Veloso, Laís Cristine Ferreira Cardoso e Mabel Dias dos Santos, traz uma análise do programa de TV apresentado por Sikêra Junior em mais uma de suas reiteradas práticas de reforço à subordinação feminina em uma sociedade patriarcal. Ainda no campo televisivo, Carla Baiense Felix e Luciana Costa da Silva enfocam o cruzamento entre os marcadores raciais e de gênero no trabalho *Heroínas de todo mundo: mulheres negras que resistem às imagens de controle*. O artigo discute como a série audiovisual “Heróis de Todo Mundo”, do projeto A Cor da Cultura, serve como um contraponto aos estereótipos racistas que teimam em povoar as produções ficcionais históricas. Na sequência, *Historias de vida de relacionistas públicas: maternidad y emprendimiento como opción de trabajo*, artigo de Maria Aparecida Ferrari e Sandra Milena Ortega Restrepo, descreve as trajetórias de quatro profissionais de relações públicas e de como a maternidade foi e ainda é considerada uma barreira nos processos seletivos da área. Por fim, fechando o dossiê, as autoras Joana Ziller, Dayane do Carmo Barretos, Isabella Bettoni, Kellen do Carmo Xavier e Leiner Emanuella de Carvalho Hoki, em *O algoritmo anti-interseccional: contribuições do pensamento lésbico para análises em plataformas*, buscam entender como a lesbianidade é visível nas plataformas digitais, com a predominância de corpos brancos, magros e sem deficiência, performando feminilidade.

Já na seção de **Artigos Livres**, dois textos demonstram a relevância da pesquisa comunicacional com base em contextos internacionais que direta ou indiretamente dialogam com as idiossincrasias da América Latina. No trabalho *Sistema de Mídia vs. Accountability: mensurando barreiras ao processo de media opening*, Juliano Mendonça Domingues da Silva utiliza a base de dados da “Freedom House” e do “The World Bank Group” para analisar a relação entre os sistemas de mídia e a prática do *accountability* em 194 países. Por sua vez, o artigo *Análisis del tratamiento informativo de Brasil en la prensa marroquí*, de Abdelhak Hiri, observa como os jornais “Le Matin”, “La Mañana del Sahara del Magreb”, “Al-Ittihad Al-Ichdiraki” e “L’Économiste” produzem seus relatos informativos acerca da realidade sociocultural, política e econômica do Brasil em um recorte temporal que compreende o período de 1990 a 2015.

Em conexão com o dossiê, as seções de **Entrevista** e **Estudo** também contribuem para o debate sobre comunicação e gênero. Nesse sentido, *¡La tierra estalló! Caminar juntas para una comunicación depatriarcal y decolonial* é o título da entrevista que traz uma potente voz a esta edição pela presença da argentina Alejandra Cebrelli, doutora em Humanidades pela Universidad Nacional de Salta. A entrevistadora, por sua vez, é a co-organizadora do dossiê, a pesquisadora mexicana Eloína Castro Lara. Assim, em um produtivo diálogo, as duas investigadoras tocam em temas emergentes no continente como o binômio comunicação-gênero enquanto um lugar de produção de saberes e de outras formas de ser, poder, conhecer e fazer. “Se tiene la idea de pensar siempre en la comunicación como un campo de poner en común: ¡La comunicación no es un poner en común nunca! Sabemos que hay disputas por el poder de la representación [...]”, afirma Cebrelli.

Não menos importante, o estudo *Flores Raras - Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Feminismos*, produzido por Cláudia Regina Lahni e Daniela Auad, apresenta um panorama vívido dos trabalhos desenvolvidos pelo “Flores Raras”, na Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba – e na Universidade Federal de Juiz de Fora. Atuando em frentes que vão do ensino, pesquisa e extensão à gestão e militância, a questão das lesbianidades e das relações de gênero na Comunicação e na Educação são uma das principais problemáticas debatidas no grupo e nas pesquisas que ali se desenvolvem há mais de 10 anos.

Finalmente, no encerrar desta edição, a seção de **Resenhas** brinda os leitores com obras contemporâneas e significativas para a nossa área. Em *Pensando sobre o jornalismo: da redação a reportagem*, resenha de Larissa Bortoluzzi Rigo, a obra debatida é o livro “Tópicos em jornalismo: redação e reportagem”, organizado por Angela Zamin e Reges Schwaab. Segundo Larissa Rigo, a obra apresenta um importante resgate histórico e social do jornalismo para que estudantes e profissionais observem a prática como um instrumento social e democrático. Por seu turno, Lía Gómez escreve a resenha *Lo que aprendí de Albertina*, a partir da leitura do livro “Lo que aprendí de las bestias”, obra da

cineasta e escritora Albertina Carri. Falando do trabalho da cineasta argentina, Lía Gómez lembra que o livro se une às obras que recorrem à identidade, à história e à memória como parte de uma geração que abraça o feminismo.

Chegamos, assim, a mais uma edição e, novamente, a mais um trabalho primoroso de todas as pessoas envolvidas na elaboração deste número. Por isso, registramos aqui o nosso agradecimento às organizadoras do dossiê e a todas as autoras e a todos os autores que colaboraram com seus artigos, resenhas, estudos e entrevista pertencentes à temática central, bem como às produções da seção de artigos livres. Não menos importante, é preciso que se registrem os agradecimentos às pesquisadoras e aos pesquisadores que atuaram voluntariamente como pareceristas e, assim, fizeram parte de um dos momentos mais importantes de todo o processo editorial: a avaliação. Igualmente, reconhecemos com gratidão o trabalho da Equipe Editorial que sempre esteve presente do momento da abertura e chamada do dossiê à sua finalização na *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*.

Por fim, a quem se interessa não apenas pela reflexão teórica sobre a Comunicação e Gênero, mas também pelo modo como esse entrelaçamento é necessário para que mudanças reais e concretas possam ocorrer em nosso cotidiano, desejamos uma excelente leitura!

Margarida Maria Krohling Kunsch

Maria Cristina Palma Mungoli

Anderson Lopes da Silva